

A fabulação da sociedade do controle soberano

The Fictions of Sovereign Control Company

Elizabeth Gerlânia Caron Sandrini*
Instituto Federal do Espírito Santo (*Campus Colatina*) - Ifes

Luis Eustáquio Soares*
Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes

210

RESUMO: O imperialismo americano é, sem dúvida, o produtor mundial da fabulação da sociedade do controle soberano. Essa sociedade, ao aproximar dois extremos, ou seja, a sociedade da soberania e a do controle, tem por objetivo inscrever uma submissão maquínica internacional da vida na terra. Como estratégia de dominação planetária, em nome de seu publicitário bioestilo civilizacional, utiliza-se das Novas Tecnologias da Comunicação e Informação (NTCIs) para, a partir do virtual, funcionar como falso genérico da *communitas* e da *immunitas* da vida coletiva. Assim, parodia a vida coletiva a partir do uso cínico do dispositivo biopolítico que acaba por produzir a tanatopolítica. Eis as categorias centrais para se estabelecer, neste artigo, uma reflexão sobre como se dá a fabulação da sociedade do controle soberano. Para tanto, tornaram-se imprescindíveis os argumentos teóricos, acerca do assunto em pauta, de Said (2011), Esposito (2002; 2013), Foucault (1999; 2005), dentre outros.

* Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo -Ufes.

* Doutor em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG.

PALAVRAS-CHAVE: Fabulação. Sociedade do Controle Soberano. Novas Tecnologias da Comunicação e Informação. *Communitas/Immunitas*. Biotanatopolítica.

ABSTRACT: Us imperialism is undoubtedly the world's largest producer of fictions of society's sovereign control. This society, to bring two extremes, ie the society of sovereignty and control, aims to sign an international machinic submission of life on earth. As a global strategy of domination on behalf of their civilizational Bioestilo advertising, we use the New Information and Communication Technologies (NICTs) for, from the virtual function as generic False *communitas* and *immunitas* of collective life. So parodies the collective life, from the cynical use of bio-political device which ultimately yields the thanatopolitics. Here are the main categories to be established in this article, a reflection on how is the fable of society's sovereign control. To do so, they became indispensable theoretical arguments about the issue at hand, Said (2011), Esposito (2002; 2013), Foucault (1999; 2005), among others.

KEYWORDS: Fable. Society of sovereign control. New Technologies of Communication and Information. *Communitas/Immunitas*. Biotanatopolítica.

Imperialismo, modernidade, pós-modernidade e biotanatopolítica

Se o imperialismo constitui o momento em que a expansão colonizadora dos centros de poder adquire uma dimensão mundialmente sistêmica, seria previsível, portanto, que tal expansão viesse a ocorrer como espectro completo, ocupando, explorando e colonizando não apenas recursos primários, mas, também, artefatos culturais, conhecimentos, alteridades de gênero, de etnias, de classe, além de desejos, inclusive os de emancipação e de justiça.

O imperialismo expande-se, colonizando novos estratos sociais, políticos, econômicos, simbólicos e, na atualidade do neocapitalismo, captura e redefine plasticamente o próprio inconsciente humano, razão suficiente para ao menos ter como hipótese o seguinte argumento: a colonização ocidental do planeta é a causa e ao mesmo tempo a consequência do imperialismo, não sendo circunstancial que Edward Said (1935-2003), em *Cultura e imperialismo* (2011), assim se tenha posicionado a esse respeito: “Usarei o termo imperialismo para designar a prática, a teoria e as atitudes de um centro

metropolitano dominante, governando um território distante; o colonialismo, quase sempre uma consequência do imperialismo, é a implantação de colônias em territórios distantes” (SAID, 2011, p. 42).

Herdeiro das colonizações expansionistas do Ocidente, o imperialismo torna o distante próximo a si mesmo, ao seu centro colonizador e, em sua versão americana, as colônias são antes de tudo as alteridades de gênero, de etnias, de classe, de epistemologias, entendendo por estas os traços predicativos de uma subjetividade que não se inscreva no padrão branco, heterossexual, patriarcal, plutocêntrico, ontologocêntrico, ocidental.

Tornar o distante perto, conhecido, sob esse ponto de vista, é transformar alteridades em norma, adaptando-as ao padrão do atual momento falso da civilização burguesa por meio do dispositivo da confissão (1999), em termos de Michel Foucault (1926-1984), pois é confessando a si mesmas que elas tendem a se tornar “ovelhas de Deus” do imperialismo ocidental-americano. Este se traduz, dessa forma, em rei pastor que agrupa e conduz o seu rebanho, assegurando-lhe “a salvação”. Isso pelo fato de guiá-lo, metafórica e paradoxalmente, é claro, dentro de seu “melhor pasto”, ou seja, dentro de sua estimada Terra Prometida - a colônia.

O imperialismo americano transformou todo o planeta numa colônia, numa empresa mundial de produção de “ovelhas de Deus”, inscrevendo um leque biocomportamental conhecido como bioestilo americano, programado fundamentalmente para capturar alteridades tornando-as incluídas excludentes, aporia que ao mesmo tempo supõe a inclusão, “estou no bioestilo ocidental”, mas, também, está inevitavelmente implicada com a exclusão, seja por que a inclusão não passe de uma quimera, uma demagogia do sistema, por nunca ser coletiva; seja por que, coletivamente, só pode ocorrer de forma biocomportamental. Jamais, portanto, como inclusão econômica, sob o ponto de vista coletivo.

Como uma espécie de suplemento da cena inicial da saga *2001 - uma odisseia no espaço* (1968), filme anglo-americano, de Stanley Kubrick (1928-1999), a partir da qual nos primórdios da humanidade, quando o primeiro homínido ergueu o primeiro pedaço de osso, transformando-o numa arma - ferramenta branca, o imperialismo americano pode ser analisado como a atual *odisseia no espaço*, herdeira da primeira tecnologia de guerra. Cabe ter, contudo, o cuidado de dizer que o “osso” hoje é erguido sobre/contra a humanidade inteira, tendo em vista suas forças armadas, divididas em duas dimensões absolutamente convergentes, a saber: a da tanatopolítica (o osso, simbologia das associações políticas da morte) e a da biopolítica da população mundial (a cenoura, aqui, entendida como elemento simbólico regulamentador de uma multiplicidade biológica).

Esse jogo antinômico entre uma tanatopolítica e uma biopolítica mundiais define o imperialismo americano, à flor do *socius*, o que fica bem evidenciado, bastando ter olhos para ver, no modelo de realização planetário das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs), dominadas por multinacionais estadunidenses como *Microsoft, Facebook, Google, Apple, Youtube*, dentre outras, além das “velhas mídias”: televisão, rádio, revistas e imprensa escrita.

É no âmbito das NTICs, também, que é possível observar o jogo antinômico entre tanatopolítica e biopolítica do imperialismo americano. Antes, porém, de analisar o mencionado jogo, pergunta-se: o que é uma biopolítica da população? O que é uma tanatopolítica? Como o modelo de realização do imperialismo americano produz seu lance de dados *bíos* ou/e de dardos *thanatos*, no tabuleiro do jogo de xadrez planetário, sem que *bíos* se oponha a *thanatos*?

A biotanatopolítica do imperialismo pós-moderno americano

Para dilatar essas questões explicitadas, o filósofo italiano Roberto Esposito, constitui-se um interlocutor instigante, especialmente tendo em vista a relação que o autor de *Immunitas. Protezione e negazione della vita* (2002) estabelece entre *communitas* e *immunitas*, assim a descrevendo no seguinte trecho de *Pensamento vivo: origem e atualidade do pensamento italiano*:

Poderia ser dito que, assim como a *communitas*, em todas as comunidades, se apresenta sempre - pelo menos em certa medida - imunizada, por sua vez a *immunitas* revela, observada no fundo de seu mecanismo reprodutor, também um elemento comunitário. A passagem hermenêutica de uma perspectiva a outra é determinada pela desconstrução do caráter individualista que a modernidade atribuiu ao estatuto do sujeito moderno (ESPOSITO, 2013, p. 301).

Se a *communitas* diz respeito à dimensão da comunidade e a *immunitas* tem relação com aquilo que se aparta das maiorias com o objetivo de se imunizar “sanitariamente” do comum, o que Esposito propõe é um jogo antinômico entre uma dimensão e outra, argumentando que a *communitas* detém sua própria *immunitas* assim como esta, como um torrão de terra, possui traços *communitas*.

A ideia de comunidade, nesse sentido, não se constitui e tampouco está condenada, de antemão, ao horizonte de uma identidade estanque coincidente consigo mesma. É antes de tudo potencialmente trabalho vivo criativo, compreendido como produção do que não existe com o objetivo de tornar a vida comum mais *immune* às adversidades imanentes à condição mortal humana.

Communitas e *immunitas*, sob o ponto de vista de Esposito, não se opõem, uma vez que são potencialmente intercambiáveis e, assim sendo, mais se inscreverão como criação comum da vida - assim como das singularidades individuais. Por outro lado, se se considera a história efetiva do termo, o

étimo *immunitas* emergiu no contexto da Roma antiga para se referir a cidades e/ou perfis sociais isentos de tributos, indicando um evidente privilégio em relação às pessoas comuns.

Tal palavra ressurgiu na virada do século XVIII para o XIX, no Ocidente, a partir de uma apropriação biomédica voltada e devotada para estabelecer uma política sanitária da população, com o objetivo de evitar epidemias e pandemias, ao mesmo tempo em que objetivava também cuidar da força do trabalho, inclusive da força de trabalho bélico - bem mais que, claro, cuidar da saúde do trabalhador. Nesse contexto, ainda com Esposito, o pressuposto/privilégio jurídico da *immunitas* da Roma antiga passa a convergir para o protocolo biomédico. A modernidade *immunitas* e o mundo pré-moderno (sob o ponto de vista da *immunitas* moderna) *communitas*, principalmente a partir do século XVIII, formam doravante um cenário de círculo virtuoso (ou vicioso) a partir do qual a ordem soberana se torna imanente ao regime biopolítico.

Surge, então, o que, especialmente em *A história da sexualidade: vontade de saber* (1999) e *Em defesa da sociedade* (2005), Foucault designou como biopolítica, conceito que se confunde com a ideia de *immunitas*, se se considera a modernidade, razão suficiente para deduzir que esta seja depositária da própria herança histórica do termo - o que a torna passível de ser analisada como privilégio geobiopolítico de um segmento de classe: a oligarquia eurocêntrica.

O imperialismo americano sobrepujou o europeu porque soube, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, produzir um bioestilo planetário, exportando a biopolítica e/ou *immunitas* da modernidade para as oligarquias do mundo inteiro e também para as alteridades, doravante identificadas como a *communitas* estadunidense, o que é o mesmo que dizer “como *immunitas* estadunidense”.

Nesse contexto, emerge a pós-modernidade. Esta se inscreve como cenário mundial de uma *immunitas* especialmente para as alteridades de gênero, de etnia, de classe, mas, também, para perfis oligárquicos (resulta daí o bioestilo atual dos delírios racistas das classes médias mundiais) como bioestilo americano a ser experimentado como o Ideal de ego em todos os rincões do planeta. A pós-modernidade *immunitas* pode ser compreendida, portanto, como a biopolítica eurocêntrica de um modelo de exportação planetário, embalado como mercadoria que efetivamente é, pelos multicoloridos adornos do estilo americano de vida. Com isso, tem-se a supressão do indivíduo. Ou seja, sob o jugo de proteger a vida e, ao mesmo tempo, promover a subjetividade, a *immunitas* do bioestilo oligárquico americano assume, como legítimas, certas práticas. Estas, utilizadas para imunização contra quaisquer potenciais inimigos de seus princípios comunais - Ideal de ego -, produz nada menos que a morte e a dessubjetivação. A biopolítica, assim, ganha contornos tanatopolíticos.

A tanatopolítica, então, é imanente a essa biopolítica de exportação do bioestilo americano porque este separa o bioestilo americano no campo dos direitos, extraindo os direitos civis dos sociais e econômicos e constituindo-se como biotanatopolítica antes de tudo, posto que se inscreva no campo reificado dos direitos civis em contextos em que os direitos econômicos e sociais são mortalmente ignorados, genocidados. Um claro exemplo histórico de práticas genocidas, além de política racial, foi o regime nazista.

Aquilo que Foucault chamou de racismo de Estado (1999), como contraparte da biopolítica de Estado, como, portanto, tanatopolítica, teve um capítulo agônico com as câmaras de gás dos campos de concentração de Hitler, mas evidentemente não terminou com a morte deste e a suposta derrota do nazismo. Isso também não é um atributo intrínseco do *Terceiro Reich*, uma vez que é a própria modernidade gestada como *immunitas* colonização

ocidental-americana do mundo que supõe em si mesma uma imanente *tanatopolítica* contra a *communitas* econômica, social, ecossistêmica e planetária.

Em sua versão marcada pelo publicitário bioestilo americano, a relação entre *communitas* e *immunitas* tornou-se indiscernível porque a biopolítica, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, destituiu referências antinômicas, como centro e periferia, típicas da modernidade eurocêntrica, e assumiu uma configuração espetacularmente não maniqueísta, porque pressupõe uma humanidade em si mesma *biotanatopolítica*, contexto a partir do qual faz sentido usar a aporia *incluído excludente*, seja por que a inclusão, como estilo de vida, inscreveu-se, na atualidade, como horizonte possível para qualquer pessoa, seja por que tal modelo virtual-individual de inclusão suponha em si mesmo a produção de um excluído coletivo compreendido como o corpo social-político planetário da tanatopolítica de base racista.

O aumento das guerras e mesmo a tendência atual de terceirizá-las tem relação direta com a oligarquização planetária da bipolaridade americana e, portanto, com a “invenção” permanente de um excluído coletivo a ser eliminado, em nome da *immunitas* do estilo americano de vida. Em nome, portanto, de sua *immunitas* pós-moderna, como sanitários e reificados direitos civis biocomportamentais, o imperialismo americano intervém com a tanatopolítica contra o excluído coletivo: a vida nua, essa *communitas* impedida de produzir sua *immunitas* de criação, de emancipação, de justiça socioeconômica, sendo antecipadamente genocidada (eis as guerras preventivas) para que sequer sonhe com a potência *immunitas* de sua *communitas* internacional.

Nesse contexto, não é exagero chamar o imperialismo americano de império do caos, porque está na sua dinâmica biopolítica (em nome da qual fala, se vende, exporta-se) massacrar o contágio da *communitas* mundial, evitando,

assim, que se possa fazer ao mesmo tempo *immunitas*, potência comunista de produção coletiva da vida nua no campo dos direitos civis, mas, também, no econômico, no social, no bioambiental.

O imperialismo americano e as Novas Tecnologias de Comunicação e Informação

Se o jogo do imperialismo americano supõe em nome da bipolaridade de seu bioestilo oligárquico mundial produzir um racismo planetário sob a forma de uma tanatopolítica da vida nua, o espaço virtual das Novas Tecnologias de Comunicação e Informação NTCl, sob o seu domínio oligopólico, constitui-se como um roteiro cinematográfico em tempo real e indefinidamente reeditado, para apartar a *immunitas* pós-moderna da *communitas* da vida nua ou do excluído coletivo; jogo que se realiza da seguinte maneira: de um lado, o virtual como *immunitas communitas*; de outro, o estatuto do sujeito moderno e seu caráter individualista.

1. O virtual como *immunitas communitas*

O virtual como *immunitas communitas*? O que significa isso? Significa muito simplesmente que o virtual é, sob o domínio do imperialismo americano, literalmente o lugar por excelência da *immunitas* pós-moderna, pela evidente razão de que é produção maquínica; uma extensão não biológica da criação humana. O imperialismo americano transformou as NTCl em um espaço virtual planetário de realização da *immunitas*, no qual a humanidade inteira pode experimentar-se biopoliticamente, via confissão civil de suas marcas subjetivas ou *communitas*, sem que efetivamente as viva no cotidiano, entendido como um aglomerado que inscreve em processo todas as dimensões da vida coletiva, a social, a econômica, a política, a ecológica, a cultural, configurando essa *communitas* que é também *immunitas*.

Essa *immunitas* que se inscreve nos suportes das NTICs (como no *Facebook*, por exemplo), além de ser uma potência infinita de produção de suas marcas subjetivas, imita a *communitas* não apenas ocupando espetacularmente o seu lugar, mas realizando virtualmente aquilo que Esposito chamou de relação indiscernível entre *communitas* e *immunitas*, tal que uma é tanto mais outra quanto mais se faz interdependente, sem contradição e sem concorrência.

As NTICs, sob o domínio orquestrado do imperialismo americano, realizam virtual e parasitariamente aquilo que não existe comunisticamente: a potência indefinida do comum a partir do comum. Essa virtualização espetacular da *immunitas* produz um niilismo, entendido como vontade do nada no lugar do nada da vontade, em relação à *communitas*, expressando-se da seguinte maneira: utopismo tecnológico da e na *immunitas* virtual versus niilismo no que se refere à vida comum e seus povos - biopolítica espetacular versus tanatopolítica social do excluído coletivo.

2. O estatuto do sujeito moderno e seu caráter individualista

Se, ainda com Esposito, o estatuto do sujeito moderno é seu caráter individualista, como expressão possível da *immunitas*, na biopolítica pós-moderna essa expressão se desloca para as alteridades de gênero, de etnias e mesmo de classe, o que significa dizer que o único espaço possível de inclusão coletiva das alteridades é o virtual inscrito na dinâmica das NTICs, ainda assim com o preço de encarnar o niilismo em relação à vida social comum por meio de um biocomportamento individual ou de grupos de etnias, de gênero e de classe, evidentemente desconectados do cotidiano dos povos e dos ecossistemas terrestres.

Nesse cenário de inclusão virtual das alteridades coletivamente consideradas, o mundo inteiro se torna a paródia de si mesmo, porque seu efeito é

potencialmente niilista tanto mais as antinomias da modernidade são varridas do mapa, ainda que virtualmente: como a de opressor e oprimido, a de Norte e Sul, a de alfabetizado e analfabetizado.

Ainda que essas rupturas das antinomias modernas sejam basicamente virtuais, elas têm, no entanto, um efeito trágico no corpo da *communitas* mundial. Visto que partam da absolutização do ponto de vista e da vista do ponto da *immunitas* virtual, não apenas tendem a ignorar a vida social comum, mas, também, o fazem a partir do pressuposto de que esta não existe e, não existindo, não sofre, não morre.

Nesse contexto do bioestilo americano, é possível afirmar que na atualidade todos somos burgueses, razão pela qual seja possível deduzir que o mundo virtual das NTCIs se constitua como uma paródia *immunitas* da vida social comum; uma paródia *immunitas* da *communitas*, lançada na vala comum da anônima morte do excluído coletivo.

O momento do falso genérico da *communitas* e da *immunitas*

Um espaço virtual oportuno para flagrar essa paródia que o campo do utopismo tecnológico realiza da vida comum se dá no âmbito do registro escrito das falas de personagens ou mesmo de pessoas reais, disponibilizado em diferentes vídeos *linquados* no *Youtube*. Como se pode verificar por qualquer pessoa que acesse a tecla legenda desses vídeos que tenham neles o recurso de tradução simultânea de voz para escrita, independente do gênero, da faixa etária, de ideologias e mesmo da língua, o registro escrito das falas neles apresentadas pode ser definido como um falso genérico e, ao mesmo tempo, como uma paródia ou carnavalização da *communitas* mundial.

Falso genérico por dois motivos. O primeiro está relacionado ao filósofo francês Alain Badiou (1937), que tem no genérico, em diálogo com o matemático estadunidense Paul Cohen (1934-2007), um conceito angular de sua filosofia eventual, não sendo por acaso que assim o defina, o genérico, em *O ser e o evento* (1996): “Um procedimento fiel genérico imanentiza o indiscernível. Assim, a arte, a ciência, o amor e a política mudam o mundo, não pelo que nele discernem, mas pelo que nele indiscernem. E a onipotência de uma verdade não é mais o de mudar aquilo que é, a fim de que possa ser esse ser inominável, que é o ser mesmo d'o-que-é ” (BADIOU, 1996, p. 270).

Constituir-se o genérico como indiscernível significa que não pode ser capturado pelo saber. Numa multiplicidade qualquer, o genérico é o seu inominável, o que, tendo em vista os argumentos apresentados neste ensaio, equivale, portanto, à relação indiscernível e imanente entre a *communitas* e a *immunitas*, em contextos nos quais aquela se dá como multiplicidade e esta como aquilo que emerge como criação sem dono, porque de todos e de ninguém, transformando em devir a *communitas*: processo sem fim só possível numa sociedade sem classes, logo comunista, em termos de Karl Marx (1818-1883) ou no forçamento, em termos de Badiou, no campo da arte, do amor, da ciência e da política, desse mundo sempre possível de uma *communitas* e uma *immunitas* igualmente indiscerníveis, imanentes.

O falso genérico é uma paródia do genérico de Badiou e se expressa não pelo indiscernível, mas pelo exagero obsceno (em termos etimológicos de obstaculizar a cena) de marcas reconhecidas pelo saber - inclusive as marcas das subjetividades de gênero, étnicas e de classe. Se o genérico de Badiou se inscreve num campo de subtração de marcas até chegar ao infinito de novas possibilidades de subtração, produzindo o universal, tal que não se é negro, gay, branco, índio, amarelo, mulher, homem, operário, mas o universal comum em potência e em ato, o falso genérico se expressa pela soma,

inclusive pornográfica, indefinida de particularidades discerníveis, porque confessadas.

Se o processo sempre genérico de uma verdade, em termos de Badiou, ao subtrair-se torna *immunitas* e *communitas* reversíveis, a partir da imanência desta, produzindo o evento de uma *communitas* que existirá no advento de sua autocriação comum, tendo em vista a positividade de um futuro advindo, o falso genérico eterniza as marcas e faz a *communitas* se identificar consigo mesma, tornando-a um zumbítico presente sem futuro.

Como exemplo, a versão em vídeo de *O sítio do picapau amarelo* (sic.), obra da literatura infantil brasileira, de autoria do escritor Monteiro Lobato (1882-1948). A versão de 2005 (SÍTIO), capítulo 2, parte 2 (nela é possível ver o personagem, Delegado Lupicínio, esbaforido, dizendo que não teria conseguido alcançar um trombadinha que entrou como penetra numa festa realizada no Arraial dos Tucanos. O Coronel Teodorico, o interpelado candidato a prefeito de Arraial dos Tucanos, responde alegando que, quando ele se tornar o prefeito, tudo isso acabará porque ele intensificará o policiamento).

Acionando-se a tecla “legenda” da versão disponível no *Youtube* (SÍTIO, 2005), apenas parcialmente o que aparece como a versão escrita da fala das personagens corresponde ao que efetivamente é dito, dissimetria que adquire uma configuração estranhamente genérica, tal como é possível observar abaixo: “E pensar que essa cidade foi sempre um lugar pacato. Segurança absoluta formada por integrantes do DEM, que quatro horas por dia. A candidata petista apontava a queda da menina. A receita federal tenha deixado cair o queijo. O escocês a respeito foi identificado”. “Integrantes do DEM” (Partido de direita brasileiro), “a candidata petista”, “receita federal tenha deixado cair o queijo” e “o escocês a respeito foi identificado”

evidentemente são registros escritos que não correspondem em nada à fala das personagens do vídeo do *Sítio do picapau amarelo* em questão.

Como falsos genéricos, os registros escritos parodiam a *communitas* social-política brasileira, colocando tudo no mesmo “balaio de gato”. O excesso de marcas institucionais da realidade nacional, na contramão do genérico de Badiou, não apenas pode ser analisado como uma paródia do Estado brasileiro, mas, também, como uma subliminar generalidade em suspeição, tal que tudo se torna ao mesmo tempo ridículo e suspeito, inclusive, e antes de tudo, qualquer possibilidade de intervenção política, senão apta, ao menos propensa a desvincular-se da submissão integral às marcas do contemporâneo, essas que fazem a *communitas* se identificar consigo mesma, eternizando o presente histórico e, a um tempo, obstaculizando o devir criativo de uma *immunitas* coletiva.

Essa onipresença de marcas num presente achatado em si mesmo pode ser interpretada como parte da dinâmica da relação entre cultura e imperialismo. Sob esse ponto de vista, o fragmento das legendas do vídeo supracitado inscreve-se no campo do uso do falso genérico, talvez não sendo circunstancial, a propósito, que Gene Sharp, embora em outro contexto, em seu livro *Da ditadura à democracia: uma estrutura conceitual para a libertação* (2002), logo no início, tenha apresentado a seguinte recomendação para o uso do (falso) genérico: “Da necessidade e da escolha deliberada, o foco deste ensaio está no problema genérico de como destruir uma ditadura e impedir o surgimento de uma nova” (SHARP, 2002, p. 6).

Será que esse problema (falsamente) genérico de que fala Sharp no trecho supracitado seria o método a partir do qual o imperialismo ocidental-americano, via indústria cultural, inscreve a captura da fabulação, sempre coletiva, enfeixando-a com o propósito de, por exemplo, tornar “natural” o absurdo mundo em que vivemos? Que modelo de sociedade está na base dessa

normatização de um genérico, assim definido porque põe no mesmo plano, de forma imanente, os acontecimentos diversos do mundo atual, a saber: guerras, genocídios, diferentes modalidades de esportes, personalidades políticas reais e fictícias, assim como de filmes, novelas e um sem fim de outras?

Essa captura da fabulação coletiva (da *communitas*) se dá atualmente no campo da indústria cultural, essa empresa mundial de produção de virtualidades *communitas/immunitas* que funciona ao mesmo tempo como paródia e dispositivo de captura da *communitas e immunitas*, sob o signo de sua potência coletiva, razão suficiente para insistir na pergunta já formulada: qual o modelo de sociedade está na base desse arranjo sócio-histórico do imperialismo americano a partir do qual o virtual funciona como um falso genérico da *communitas e immunitas* da vida coletiva?

A civilização do palácio de cristal e a fabulação atualizada da sociedade do controle soberano

Se as grandes civilizações se constituíram basicamente como um sequestro oligárquico da *immunitas* produzida pela *communitas* de suas respectivas épocas, do desenrolar histórico delas herdamos três arranjos sociais que são também três formas de tecnologias de captura da fabulação coletiva: a sociedade da soberania, a sociedade disciplinar e a sociedade do controle.

A sociedade da soberania, ancorada no poder de morte que tem o soberano sobre os demais, açambarca todo o *socius* e estabelece uma relação dicotômica entre a ordem do visível, os súditos, e do invisível, o soberano, tal que este, impondo-se sobre o visível, sacrificando-o, produz sem cessar a transcendência de seu poder, concebido como divino. Trata-se de um arranjo sócio-histórico que funciona como verdadeira *megamáquina* de produção

sequestrada de transcendência (leia-se, de *immunitas*), a partir do sacrifício do súdito ou da *vida nua*, não sendo circunstancial que todas as grandes religiões da humanidade tenham sido criadas no interior da sociedade da soberania. Esse modelo social não terminou com o advento da sociedade disciplinar.

A sociedade disciplinar se inscreve como multiplicidade de instituições confinantes e confinadas, como a cadeia, a escola, o quartel, o hospício, o saber (disciplinar), tendo emergido para valer no interior da modernidade industrial do imperialismo europeu, hoje planetária. Seu advento não significou o fim da sociedade da soberania. Esta passa a ser administrada cuidadosamente a partir das tecnologias de poder da sociedade disciplinar, o que tornou possível um modelo híbrido, razão pela qual poderá ser chamado de *sociedade disciplinar soberana*.

A sociedade do controle, atual modelo social baseado no controle tecnológico do *socius*, engendrando uma internacional *submissão maquínica*, não elimina nem a sociedade da soberania, nem a disciplinar, mas as incorpora planetariamente, produzindo uma espécie de geopolítica mundial da sociedade do controle integrado: no Ocidente, predominaria a sociedade do controle disciplinar; no Oriente, a da soberania; e nas periferias, modelos mistos, embora, a bem da verdade, o mundo todo, independente do sítio histórico, esteja se transformando cada vez mais numa só e mesma virtualidade falsamente genérica, tendo em vista uma biopolítica mundial, cuja existência por si só produz a tanatopolítica das populações planetárias.

A modernidade, entendida como *immunitas* em relação aos períodos históricos precedentes, é por isso mesmo a época por excelência da biopolítica; o ponto de bifurcação a partir do qual a *immunitas* jurídica da Roma antiga, com suas zonas de privilégios tributários, conecta-se com os protocolos biomédicos, para fazer da vida humana ao mesmo tempo o sujeito e o objeto da

civilização burguesa. Essa situação poderia pressupor duas ordens: uma soberana, pré-moderna; e outra inscrita na dinâmica do regime biopolítico, a moderna.

Na sociedade do controle integrado, sob o domínio do imperialismo americano, por sua vez, a ordem soberana se constitui como o próprio regime biopolítico contemporâneo. Se a sociedade da soberania pode ser definida pela relação entre transcendência (*immunitas* aristocrática) e imanência (*communitas* vilipendiada), tal que a primeira açambarca a segunda, sacrificando-a, é porque o direito de morte do soberano sobre a vida nua coletiva não só vinha primeiro, mas, também, porque configurava o horizonte de um modelo civilizacional que fazia da tanatopolítica a forma simbólica fundante dos meios de produção social, o que significa dizer que era preciso matar o excluído coletivo, a vida nua, sacrificá-la, para que a *immunitas* oligárquica se constituísse como privilégio de classe.

Com o protocolo biomédico da modernidade, a tanatopolítica e a biopolítica se tornaram imanentes porque a ordem soberana foi deslocada não para a figura de um soberano, enquanto tal, mas para o modelo de produção da civilização burguesa. Tornou-se, pois, impessoal em contextos nos quais a pessoalidade é ao mesmo tempo a tanatopolítica e a biopolítica, resultando daí, sob o signo do imperialismo americano, o uso paródico, por meio dos suportes técnicos da indústria cultural, do falso genérico.

Quanto mais marcas de pessoalidade, tanto mais a biopolítica se afirma, assim como a tanatopolítica. Uma dimensão aciona outra no interior da civilização burguesa. Essa ordem soberana destitui-se de rosto próprio porque é constituída da multidão de rostos do mundo, os quais quanto mais se pessoalizam e se biopolitizam, tanto mais sem contradição alguma se tanatopolitizam na fabulação do capital, pelo capital.

A fabulação, sendo sempre coletiva (*communitas* e *immunitas*) se constitui, pois, como uma espécie de capital primário a ser indefinidamente editado (geralmente de forma paródica) pelas NTCIs, sob o domínio do imperialismo americano, argumento que justifica um diálogo com o livro *Aqui América latina* (2013), de Josefina Ludmer e também com o ensaio “O direito à literatura”(1995), de Antonio Candido, neste texto, posto que seus respectivos temas, tendo a literatura como pretexto, é precisamente a questão da fabulação coletiva. Ludmer (2013, p. 133) defende que a *literatura pós-autônoma*, na fábrica de realidade do contemporâneo, destitui a autonomia do livro, tendo em vista a primazia do que ela chama de imaginação pública, tal como é possível depreender do seguinte trecho de seu livro:

As literaturas pós-autônomas do presente saíam da “literatura”, atravessariam a fronteira e entrariam em um meio (uma matéria) real-virtual, sem exterior, que é a imaginação pública; em tudo o que se produz e circula e nos invade e é social e privado e público e real. Ou seja, entrariam em um tipo de matéria e um tipo de trabalho social, onde não há “índice de realidade” ou de “ficção”, construindo presente. Entrariam na fábrica de realidade, que é a imaginação pública, para narrar algumas histórias cotidianas em alguma ilha urbana latino-americana.

O que Ludmer chama de fábrica de realidade, Candido (1995, p. 242), em “O direito à literatura”, designa como fabulação coletiva, assim se posicionando a esse respeito:

[...] a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isso é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado.

Uma importante hipótese deste ensaio parte do seguinte argumento: a imaginação pública, em termos de Ludmer, e a fabulação coletiva, em termos

de Candido, na atualidade, são editadas e reeditadas mundialmente pela tecnologia de poder da *biotanatopolítica* da sociedade do controle soberano. Esta, a sociedade do controle soberano, joga, para dividir o humano, com as pessoalidades ou subjetividades, parodiando, de uma forma tragicômica, ideologias, projetos, Estados, perspectivas de gênero, de etnias, de classe e de religiões, a partir da obscenidade editada e reeditada da *communitas* mundial, o que pode ser evidenciado no vídeo do *Youtube*, da série *Peppa Pig* ([s.d.]), produzida por Astley Baker Davies, versão completa, em português, em cujas legendas, no episódio “Aviões de papel”, é possível ler o seguinte:

Com isso eu esse problema uma barbie distanciar o mundo para ir ao trabalho é ótima esses são todos os papeis que o prefeito Tião não perca certo de quebra hyde park está claro e convincente o que vocês querem fazer anunciante no TSE mas para a gente ela foi amparada vamos fazer um avião no episódio tecnologia de aviões no mês passado homenagem ao quimsa só precisamos de um pouco de papel é essa Tyson tem pacote O’Brien gbr que é um freio no extremo oriente hein um estudo com o prato a mãe pediu para fazer um avião de papel no meio do caminho ela é a cara do agreste kandos em cada extremidade em nobres candies de novo para fazer uma boa luta e em seguida no mesmo dia da entrevista a tepco em campo taveira vamos ver se eles conseguem voar com o PCdoB para argumentar pois o avião da pam em consumo em um barzinho armário mas agora os inimigos grande amigo do Delúbio de hoje que está dando voltas e voltas de consumo em um ano com patrício era não é à toa em Anchieta uma vez precisa de um papel realmente grande neste link fiscal de supermercados está penalizando uma câmara acomplada teve apoio de onde fizeram um grande dia azulzinho [...] 1 porque nós estamos do lado dos patrões ué já vi de tudo obrigado por brigar [...] que o time deve transformar num avião de papel Hilary falou para nós não achei bem que o chão inteirinho também lançará escoriações [...] isso é bom matar a respeito da lei desejar [...].

Sem entrar no mérito, e já o fazendo, o registro escrito se constitui como dissimetria das falas das personagens, nesses vídeos. Talvez - e o que é mais provável - porque o recurso técnico que permite essa transposição simplesmente não é perfeito e nem pode sê-lo, considerando-se diferenças de ritmos entre a linguagem falada (a dicção oral) e a escrita, nem sempre clara para ser interpretada corretamente, e uma série de interferências possíveis.

Necessariamente, portanto, esses registros escritos não significam uma montagem conspiratória, embora nada impeça que sejam usados para comunicação de linguagens cifradas, tendo em vista interesses políticos ou até mesmo articulações, por exemplo, de revoluções coloridas contra Governos não totalmente submetidos aos jogos geopolíticos do imperialismo americano, sempre buscando a submissão integral dos Estados.

Para a análise desses registros escritos de fala de personagens, a questão talvez mais importante não residirá na opção interpretativa por um polo da antinomia intrínseca a essas legendas, tendo em vista a seguinte pergunta que não quer calar: serão esses registros conscientemente programados ou farão parte de um automatismo de uma tecnologia de transposição de fala para escrita ainda não cem por cento eficiente?

Se se considera a teoria psicanalítica de Sigmund Freud (1856-1939), por exemplo, a apresentada no livro *A interpretação dos sonhos* (2012), tendo em vista a questão relativa ao conteúdo primário e manifesto da narrativa onírica, seria interessante analisar esses registros escritos de fala dos vídeos do *Youtube* como uma situação que torna indiscernível o conteúdo primário e o manifesto, tal que um é outro no horizonte do controle oligárquico das NTClis e, portanto, também da Internet, pois sua dinâmica biopolítica, sendo a do falso genérico, é a que tende a produzir e a reproduzir as marcas predominantes da realidade contemporânea, a partir daquilo que poderia ser chamado de estrutura de eco, assim compreendida se levarmos em conta que o que emerge nesses registros escritos são simplesmente ecos de ditos e escritos que circulam na Rede Mundial de Computadores, um pouco e muito em conformidade com a premissa do sociólogo canadense Marshall McLuhan (1911-1980) de que *o meio é a mensagem*.

O meio como mensagem fabula e confabula a *communitas* do contemporâneo, não sendo circunstancial a presença, no trecho supracitado, de um tal O'Brien e um Tyson, assim como, no contexto da política nacional e internacional, a de um nome como o do prefeito Tião, as das siglas do TSE, Tribunal Superior Eleitoral, a do Partido Comunista do Brasil; a do ex-tesoureiro do Partido dos Trabalhadores (PT), Delúbio, assim como a da ex-secretária de Estado americana, Hilary, sem contar os rastros de lugares como o Hyde Park, de Londres, e, talvez, a cidade brasileira de Anchieta.

De comum, esses registros nada têm a ver com as falas das personagens do vídeo em questão. O argumento proposto aqui para analisá-los parte das seguintes questões: a) as NTCI's, sob o controle da Indústria Cultural anglo-saxônica, serão o meio da mensagem de uma máquina de realidade que captura a imaginação pública planetária para parodiá-la, naturalizá-la, transformando a *immunitas*, os processos sociais de fabulação, numa *communitas* sem porvir, porque, num círculo vicioso mais que virtuoso, eternamente identificada consigo mesma?; b) o imperialismo americano pode ser definido, na sua estratégia de dominação planetária, como o produtor mundial da sociedade do controle soberano, entendida como a que aproxima os extremos, a sociedade da soberania e a do controle, com o objetivo explícito de inscrever uma submissão maquínica internacional da vida na terra?; c) se, com Carl Schmitt (1888-1985), “o soberano é aquele que decide o estado de exceção” (SCHMITT, 2009, p. 15), a civilização burguesa, a que se impõe a partir do domínio americano, não poderá ser descrita no contemporâneo como uma forma de sociedade do controle soberano que confabula permanentemente com a *immunitas* da fabulação coletiva, parodiando-a a partir do uso cínico do dispositivo biotanatopolítico da população mundial por meio do qual a espécie humana passa a ser editada e reeditada sem cessar, num ritmo semelhante ao da aceleração dos avanços tecnocientíficos?

Para todas essas questões, a resposta é um sonoro SIM. O “império do caos”, a estrutura de poder do imperialismo americano, é o produtor mundial da imaginação pública, tendo-a transformada em sua mais diletta mercadoria por meio da espetacularização geral da vida na terra, argumento oportuno, seja em função da presença do *Hyde Park* de Londres, no trecho supracitado do vídeo de *Peppa Pig*, aqui analisado, seja por que condiz, ao menos quanto ao campo semântico, com a seguinte citação de Giorgio Agamben (2015, p. 72-73), de *Meios sem fim: notas sobre a política*:

Marx se encontrava em Londres quando, em 1951, foi inaugurada, com enorme celeuma, a primeira Exposição Universal do Hyde Park. Entre os vários projetos propostos, os organizadores haviam escolhido o de Paxton, o qual previa um imenso palácio construído inteiramente de cristal. No catálogo da exposição, Marrifield escreveu que o Palácio de Cristal é talvez o único edifício no mundo no qual a atmosfera é perceptível... a um espectador situado na galeria, na extremidade oriental ou ocidental... as partes mais distantes do edifício aparecem envolvidas em um halo azulado”. Isto é, o primeiro grande triunfo da mercadoria ocorre, ao mesmo tempo, sob o signo da transparência e da fantasmagoria.

A *biotanatopolítica* do imperialismo americano é a máquina de realidade (ou de terror) da sociedade do controle soberano. Esta tem como principal objetivo o seguinte: a transformação da civilização burguesa, se já não o foi, no Palácio de Cristal tanto mais transparente, mais fantasmagórico, seja por que nela e por meio dela tudo ecoa tudo ou tudo se torna ventríloquo de tudo; seja por que nela e por meio dela a transparência e a fantasmagoria não apenas se tornaram intercambiáveis, uma é outra, mas, também, porque se transformaram em *bíos* e *thanatos*, ao mesmo tempo, de forma indiscernível.

Se no primeiro volume do *O capital* (1996), de Marx, no capítulo sobre a mercadoria, esta é apresentada como fantasmagórica porque se torna coisa personificada, sem deixar de ser coisa, no Palácio de Cristal da sociedade do controle soberano o triunfo da mercadoria ocorre quando o humano

biopoliticamente é transformado em mercadoria, estando, paradoxalmente, morto, tanatopoliticamente.

O movimento é contrário ao que ocorre com a mercadoria em si, como coisa personificada, tornada fantasmagórica, porque nesse caso o humano, como biopolítica, como *immunitas*, para se tornar mercadoria, é transformado em coisa em si, morta - se a mercadoria enquanto tal é personificada, na sua dimensão biopolítica ela é despersonificada.

Nesse caso, sob o ponto de vista biopolítico, a mercadoria humana é a sua fantasmagórica transparência *immunitas*, sob a forma de um fantasma de si mesma, editado e reeditado sem cessar, como imagem de imagem, virtualidade de virtualidade. Sob o ponto de vista da tanatopolítica, por sua vez, a mercadoria humana é a sua fantasmagórica transparência *communitas*, sob os pés do direito de morte do soberano, tal como ocorre na sociedade da soberania, embora, nesse caso, o soberano seja ou tenha a forma de um artefato tecnológico ou das técnicas de reprodução das NTCLs.

Esse jogo especular do Palácio de Cristal da civilização burguesa sob o domínio do imperialismo americano colonializa o futuro, eternizando, no presente, a sociedade da soberania. A sociedade da soberania é a que submete a *communitas* ao direito de morte do soberano, para que este produza a sua transcendência ou a sua privilegiada *immunitas*, identificando-se com Deus. Na sociedade do controle soberano, é a biopolítica, tendo sido transformada em transparente mercadoria, que se torna tanatopolítica nas mãos da soberana civilização burguesa como Palácio de Cristal.

Tudo funciona como as imagens que aparecem no retrovisor de um carro: enquanto este avança para frente, para o futuro, é o passado tanatopolítico que é refletido no espelho do retrovisor e o é. Eis o paradoxo, como se fosse a produção do próprio futuro. Portanto, como se fosse a produção da *immunitas*

ou da biopolítica - da vida. Se a tela de um celular, por exemplo, uma *touch screen*, é a que corresponde a um avanço tecnológico da figura do espelho, sua função, no contexto da sociedade do controle soberano, é a de refletir o passado soberano tanatopolítico, a partir de um tempo sem história.

O Palácio de Cristal da civilização burguesa, ou esta compreendida como Palácio de Cristal fantasmagórico e transparente, pode ser comparado a uma tela *touch screen* em que, em diálogo com Esposito, a natureza nela refletida ou editada toma o lugar da história, compreendida como processo, devir; assim como a *communitas* sutura a *immunitas* e a zoé substitui a *bíos* e/ou a *tanatopolítica* se faz como biopolítica. Tudo isso ocorre por um motivo muito simples e até previsível, se considerarmos a sociedade da soberania, onde reina em todos os rincões o poder soberano e seu direito de morte sobre a *communitas*: poder, o soberano, que decide o estado de exceção, massacra a vida nua, a *communitas* e ao mesmo tempo se apropria da mais-valia *immunitas*.

Por sua vez, na sociedade do controle o utopismo tecnológico acelerado intensifica a relação entre saber e poder, de modo tal que aquele se torna acelerado poder tecnológico sobre a vida nua, submetendo-a, tecnicamente. A sociedade do controle, assim, não passa de mais um capítulo da longa história da tradição do oprimido. É um estado de exceção tecnológico-oligárquico. Nada mais e nada menos.

Como, portanto, a evolução histórica da sociedade da soberania, a do controle é a que detém o direito de morte bélico-tecnológica sobre a *communitas*, a vida nua; direito que deve ser exercido permanentemente porque é da natureza do soberano decidir o estado de exceção contra as maiorias. O estado de exceção do controle é o que torna onipresente a

tanatopolítica da vida nua, da *communitas*, substituindo-a fantasmagoricamente pelo espetáculo virtual propiciado pelas NTICs.

O imperialismo americano e a “co-fabulação” soberana

O imperialismo americano é o *deus ex machina* do estado de exceção da sociedade do controle - um “deus” surgido da megalomáquina tecnocientífica que submete a *communitas* mundial. Se, como técnica de fabular, o recurso do *deus ex machina* é o que possibilita uma solução inesperada para um beco sem saída de um enredo narrativo ficcional, que pode, nesse caso, terminar de qualquer jeito, como um milagre divino que intervém na trama para dar a configuração que lhe convier, o imperialismo americano é esse *deus ex machina* da sociedade do controle soberano que intervém na civilização burguesa mundializada, com o objetivo de nela inscrever o final que lhe igualmente convier.

234

Para tanto, o imperialismo americano atualiza sem cessar as narrativas da sociedade da soberania, eternizando-a no retrovisor *touch screen* do presente histórico em que nos cabe viver, tocar, sob a forma de confissão religiosa, de gênero, de etnia, de classe, não sendo circunstancial, sob esse ponto de vista, sua aliança de sangue com o jihadismo, a Irmandade Mulçumana, o Emirado Islâmico, o takfirismo, o wahabismo, com o sionismo, as ditaduras do Golfo Pérsico, composta de países como Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Qatar, Kuwait; verdadeiros museus contemporâneos da sociedade da soberania pré-moderna.

Aquilo que os registros escritos dissimétricos das falas das personagens ou mesmo de figuras históricas dos vídeos do *Youtube* realiza é precisamente uma paródia da humanidade contemporânea reatualizando, por meio da técnica do *deus ex machina*, a tanatopolítica da sociedade da soberania pré-

moderna e ao mesmo tempo tornando-a onipresente nas máquinas de realidade das tramas das NTCIs.

O imperialismo *deus ex machina* americano avassala a humanidade inteira ao produzir um modelo de fabulação coletiva, via NTCI, a partir do pacto literalmente de morte entre o anacrônico, o divino direito de morte do soberano, com a tecnociência pós-moderna, engendrando, assim, um pós-humano que é tanto mais biopoliticamente maquínico, *cyborg*, quanto mais rebobina, nas puras técnicas dos meios, as mensagens/imagens/confabulações dos genocídios sem trégua das sociedades soberanas pré-modernas, debochando parodicamente da vida comum e especialmente daqueles que as protagonizam, como ocorre no conteúdo ao mesmo tempo manifesto e primário da transcrição da fala de Hugo Chávez (1954-2013) na Assembleia Geral das Nações Unidas, em 2006, que assim começa: "La candidata de PP a la servimdubre de la Asamblea General [...] Señora presidenta, excelencias, perfecto estado, fcc gobierno y altos representantes de los gobiernos del mundo".

É assim que de uma forma ou de outra o imperialismo americano, sempre confabulando a imaginação pública das sociedades da soberania, edita parodicamente, no seu automatismo tecnológico, inclusive os seus zelosos vassalos, como o PP espanhol, ao mesmo tempo em que infiltra, *deus ex machina*, uma solução não esperada, e por isso não menos paródica, no meio da fala de Chávez, sob a forma desse "fcc" sinistro, soberano. Seria o *FCC Serviços cidadãos*, um *holding* internacional? Se o for, assim se apresenta em seu *site*: "Nossa diversificação permitiu-nos oferecer um serviço global ao cidadão, desde o desenvolvimento de infraestruturas até a prestação de serviços ambientais e urbanos à comunidade. Fazemos cidades" (QUÉ ES FCC, [s.d.]).

O imperialismo *deus ex machina* americano também é um *holding*. No seu lado *communitas*, destrói cidades e suas infraestruturas, com suas incessantes guerras tecnologicamente soberanas; no seu lado *immunitas*, edita-as cinicamente, transformando o Castelo de Cristal da civilização burguesa em um fantasmagórico e transparente (tendo em vista a pura técnica dos meios) serviço global aos cidadãos.

A singular personalidade despojada de Chávez, então presidente da Venezuela, o tornou mundialmente conhecido porque mais do que ninguém soube lançar veneno contra veneno, ao parodiar a paródia que a fabulação do imperialismo americano faz da humanidade, mostrando de forma teatral e ironicamente como a estratégia imperialista dos Estados Unidos vive de atualizar as barbáries da sociedade da soberania, em nome de seu publicitário bioestilo civilizacional, não sendo por acaso que tenha falado, na tribuna da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), essas inesquecíveis frases: “Ontem esteve aqui o diabo. Aqui cheira enxofre”, ao se referir ao então presidente americano, George Bush, que tinha estado nessa mesma tribuna no dia anterior.

A referência ao diabo e ao enxofre o é antes de tudo à figura do soberano, logo da sociedade da soberania, arranjo sócio-histórico que funcionou e funciona como máquina de realidade maniqueísta, do bem e do mal, de Deus e do Diabo. Enquanto a acadêmica *intelligentsia immunitas* diz de boca cheia que o maniqueísmo é coisa do passado, o imperialismo americano o inscreve, *deus ex maquina*, na carne *communitas* do atual presente histórico, dilacerando-a de forma biotanatopolítica.

Referências:

- AGAMBEN, Giorgio. *Meios sem fim, notas sobre a política*. Tradução de Davi Pessoa. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- BADIOU, Alain. *O ser e o evento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- ESPOSITO, Roberto. *Pensamento vivo: origem e atualidade da filosofia italiana*. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2013.
- ESPOSITO, Roberto. *Immunitas. Protezione e negazione della vita*. Torino: Einaudi, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: vontade de saber*. Tradução de Maria Theresa da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2012.
- LUDMER, Josefina. *Aqui América latina: uma especulação*. Tradução de Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: UFMG, 2013.
- MARX, Karl. *O capital*. Tradução de Regis Barbosa. São Paulo: Abril Cultural, 1996. t. I.
- MCLUHAN, Marshall. *O meio é a mensagem*. Tradução de Ivan Pedro de Martins. Rio de Janeiro: Record, 1969.
- PEPPA Pig. *Aviões de papel*. Série produzida por Astley Baker Davies. Versão completa em português. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6q6mwTSQq64>>. Acesso em: 20 abr. 2015.
- QUÉ ES FCC. Disponível em: <<http://www.fcc.es/fccweb/informacion-corporativa/que-es-fcc/index.html>>. Acesso em: 27 abr. 2015.
- SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- SCHMITT, Carl. *Teología política*. Tradução de Francisco Javier Conde e Jorge Navarro Pérez. Madrid: Trotta, 2009.
- SHARP, Gene. *Da ditadura à democracia: uma estrutura conceitual para a libertação*. Tradução de José A. S. Filardo. São Paulo: The Albert Einstein Institution, 2002.
- SÍTIO do Picapau Amarelo 2005 - capítulo 2, versão *online*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=l1A9PqD77qw>>. Acesso em: 18 abr. 2015.

2001 - uma odisséia no espaço. Direção: Stanley Kubrick. Produção: Stanley Kubrick. Estados Unidos da América. Reino Unido: Estúdio: Metro-Goldwyn-Mayer. 1 DVD.

Sugestões de leitura

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

BADIOU, Alain. *A hipótese comunista*. Tradução de Mariana Achalar. São Paulo: Boitempo, 2012.

BARTHES, Roland. *Aula*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2004.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas. Magia, técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. v.1).

BERMAN, Marshal. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHOMSKY, Noam. *Hegemonia o supervivencia. La estrategia imperialista de Estados Unidos*. Barcelona: B, 2004.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: para uma literatura menor*. Tradução de Rafael Godinho. Lisboa: Assírio e Alvim, 2002.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Joana Moraes Varela e Manuel Maria Carrilho. Lisboa: Assírio e Alvim, 1972.

DERRIDA, Jacques. *Os espectros de Marx*. Tradução de Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

EAGLEON, Terry. *A ideia de cultura*. Tradução de Sandra Castello Branco. São Paulo: Unesp, 2005.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: Edubra, 2008.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografia do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2005.

JAMESON, Fredric. *O inconsciente político: a narrativa como ato socialmente simbólico*. Tradução de Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Ática, 1999.

LACAN, Jacques. *Seminário 18, de um discurso que não fosse semblante*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LENIN, Vladimir Ilytch. *Imperialismo, etapa superior do capitalismo*. São Paulo: Global, 1979.

LÉVINAS, Emmanuel. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Petrópolis: Vozes, 2004.

LOBATO, Monteiro. *O pica-pau amarelo*. 34. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: 34, 2009.

SOARES, Luis Eustáquio. *A sociedade do controle integrado: Franz Kafka e Guimarães Rosa*. Vitória: Edufes, 2014.

WITTGENSTEIN, Ludwig. Investigações filosóficas. In: TEXTOS básicos de Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

Recebido em: 14 de outubro de 2015
Aprovado em: 6 de fevereiro de 2016